



**EPEPE**  
V ENCONTRO DE PESQUISA  
EDUCACIONAL  
EM PERNAMBUCO

Educação e Desenvolvimento  
na Perspectiva do Direito à Educação

## **6 - GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS**

### **IDENTIDADE SEXUAL E GÊNERO: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DE ALUNOS DO CURSO DE LICENCIATURA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UPE**

**Camila Estephany Felix da Silva – ESEF/NDIS/UPE**

#### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo analisar os discursos dos alunos em relação à temática de diversidade sexual e gênero no curso de licenciatura em Educação Física. O marco teórico deste estudo foi construído a partir de autores como: Foucault (1992); Louro (1997); Meyer (2003). Foram analisados os seguintes documentos LDBEN (9394/96), os PCNs (1997) e o currículo do curso de licenciatura em Educação Física (2004). Tendo como pressuposto o paradigma de pesquisa qualitativa, apreendemos os discursos dos alunos sobre a diversidade sexual e de gênero através da técnica de entrevista semi-estruturada. Os discursos apontam para: a) ausência do trato das temáticas de diversidade sexual e de gênero ao longo da formação profissional e a necessidade de implementação destes conteúdos na formação do professor; b) quando estes temas aparecem nas disciplinas, são tratados de forma pejorativa; c) divergência em relação ao sentido dos termos diversidade sexual e de gênero. Este estudo sugere a necessidade de inserção do conteúdo diversidade sexual e gênero na formação dos professores, bem como, o aprofundamento na investigação de nosso objeto.

Palavras-chaves: diversidade sexual e gênero; formação profissional; licenciatura em Educação Física.

#### **INTRODUÇÃO**

Em função da dinâmica cultural que instala constantemente sentidos, valores, normas, interditos e permissões, a identidade sexual e de gênero neste estudo, serão concebidas para além da dimensão da normatização e normalização biológicas. Serão consideradas, a partir de suas complexidades, enquanto fenômenos mais globais que envolvem a nossa existência como um todo, produzindo diferentes subjetividades e identidades (NOVENA, 2011).

Compreender os conceitos de identidade sexual e de gênero nos permite obter um olhar voltado para determinados processos que solidificam diferenças de valores entre o que é masculino e feminino, sobre comportamentos sexuais que poderão gerar desigualdades ou não, e ainda, compreender as diferentes direções e dimensões dos desejos humanos.

Sobre o conceito de gênero Meyer (2003, p. 16), ressalta que este representa todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam homens e mulheres, incluindo aqueles processos que produzem os corpos. Estes corpos distinguem-se, diferenciam-se e classificam-se nas sociedades também a partir das referências de sexo, sexualidade e gênero.

Por esta razão consideramos que um corpo caracterizado como masculino numa determinada sociedade - com sua história e cultura - em outra sociedade poderá expressar qualidades diferentes. Seguindo esta lógica, da mesma forma, numa determinada sociedade os corpos que mantêm contato sexual com corpos do mesmo gênero poderão saber discriminados e tratados com preconceito em determinadas sociedades. Em outras, outros sentidos poderão se instalar.

Outro conceito fundamental neste estudo é o de identidade sexual, esta é considerada a forma como o sujeito se coloca diante da sociedade de acordo com sua orientação sexual (heterossexual, homossexual e bissexualidade).

Já a identidade de gênero é a percepção subjetiva do ser, enquanto masculino ou feminino. Como ressalta Louro (2003, p. 26):

*Suas identidades sexuais se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero.*

Vale ressaltar que os estudos na área de educação, embora tenham colocado em destaque questões de cidadania e inclusão social nas suas perspectivas mais recentes, apresentam grande resistência em abordar os temas de diversidade sexual e gênero em suas pesquisas (SOUZA E DINIZ, 2010).

Dentro desse contexto, apresentamos a presente pesquisa que pretende analisar o discurso de identidade sexual e de gênero dos alunos do curso de licenciatura de Educação Física. De maneira específica, pretendemos: a) Descrever as concepções de diversidade sexual e de gênero presentes na literatura da área de ciências humanas (educação e sociologia); b) Identificar as temáticas da diversidade sexual e de gênero no currículo do curso de licenciatura em Educação Física; c) Compreender o trato pedagógico da temática da diversidade sexual e de gênero ao longo da formação em Licenciatura de Educação Física; e, d) Discutir a relevância das concepções de diversidade sexual e de gênero para a formação dos alunos do curso de licenciatura em Educação Física.

A importância deste estudo está balizada pela necessidade dessas reflexões dirigirem-se para o favorecimento de uma formação que corresponda com as políticas educacionais e sociais de inclusão, tais como o direito à livre orientação sexual e equidade de gêneros como traz o Programa Nacional de Direitos Humanos (2002).

Nesta mesma direção, há de se ressaltar que as aulas de educação física também são atravessadas pelos preconceito sexual e de gênero. Por esta razão, torna-se relevante compreender como se dá a formação destes profissionais.

Neste sentido, este trabalho contribuirá para a compreensão do olhar dos estudantes de licenciatura de Educação Física da Universidade de Pernambuco sobre o tema Diversidade Sexual e de Gênero, para a reflexão sobre uma formação que possa contemplar estas temáticas em seu currículo e por consequência, capacitar a intervenção pedagógica destes profissionais nestas temáticas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, empregamos o pressuposto metodológico da pesquisa qualitativa, pois se concentra na busca da compreensão da dinâmica das relações sociais em sua complexidade (FERREIRA, 1988; DEMO, 1995; *apud* NOVENA 2011, p.87).

Nesta perspectiva, empregamos a análise documental da LDBEN (9394/96), PCN's (1998) e do Currículo da ESEF/UPE (2004), pois consideramos que os documentos constituem fonte rica e estável de dados (GIL, 2002, p. 46). Os documentos foram analisados a partir das referências de Minayo (2004): a) Ordenação dos dados: organização dos documentos e identificação das frases com as palavras chave diversidade sexual, gênero e sexualidade; b) transcrição das frases e compreensão dos sentidos destes termos nas mesmas em sua articulação com a formação dos professores; c) Através dos dados coletados, identificamos e destacamos as frases mais relevantes para este trabalho, com base na fundamentação teórica e em seus objetivos. Após isso, elaboramos as categorias específicas; e d) Análise final: articulação dos dados e os referenciais teórico da pesquisa, respondendo às questões da pesquisa.

Para a apreensão dos discursos dos alunos do curso de Licenciatura em Educação Física sobre a diversidade sexual e de gênero foi realizada uma entrevista semi-estruturada. Optamos pela entrevista semi-estruturada porque esta, “ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (TRIVINÕS *apud* NOVENA, 2011, p. 89).

Vale salientar que a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UPE, e foram entregues aos entrevistados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual

continha os dados da entrevistadora, os esclarecimentos da pesquisa, o consentimento da entrevista gravada, e a autorização da entrevista no trabalho, assegurando o anonimato e preservando a privacidade do estudante.

O roteiro de entrevista foi estruturado em quatro módulos: 1. Dados pessoais (o período que está cursando); 2. Percepções acerca da diversidade sexual e de gênero; 3. Tratamento do tema diversidade sexual e de gênero ao longo da formação profissional; 4. Atuação profissional no trato da temática da diversidade sexual e de gênero nas aulas de Educação Física;

Os critérios para a escolha dos entrevistados foram os seguintes: a) Os estudantes serem matriculados e estarem em situação regular na Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco. b) Estar cursando entre o primeiro ao sétimo período do curso. c) Ter disponibilidade para a entrevista.

As entrevistas foram realizadas com cinco estudantes mulheres e cinco estudantes homens, totalizando dez estudantes, sendo eles três estudantes do primeiro período, três do quarto período e quatro do sétimo período.

Definimos a análise de conteúdo para examinar as informações colhidas nos discursos dos entrevistados, pois, esta nos permite encontrar respostas para as questões formuladas e também, nos permite descobrir o que está por trás dos conteúdos manifestos (BARDIN, 1979). Definimos as seguintes referências para a análise do conteúdo das entrevistas: a) Ordenação dos dados: transcrição do áudio gravado, releitura do material, organização dos relatos e dos dados da observação participante; b) Classificação dos dados: leitura das entrevistas inteira transcritos, leitura individual de cada entrevista. Através dos dados coletados, identificamos e destacamos as frases mais relevantes para este trabalho, com base na fundamentação teórica e em seus objetivos. Após isso, elaboramos as categorias específicas; c) Análise final: articulação dos dados e os referenciais teórico da pesquisa, respondendo às questões da pesquisa.

### **IDENTIDADE SEXUAL E DE GÊNERO: uma análise de seus conceitos.**

A relevância em analisar os conceitos de identidade sexual e gênero está na tentativa de compreensão destes conceitos dada a diversidade de descrições (diferenças, aproximações) presentes na literatura. Portanto, levantar e analisar sumariamente estes conceitos permitirá compreender as diferenças e aproximações existentes entre eles.

Rohden (2009, p. 117), enfatiza as dimensões cultural e histórica da sexualidade afirmando que:

Historiadores e cientistas sociais elaboraram a noção de sexualidade como uma construção de corpos, desejos, comportamentos e identidades que todas as pessoas desenvolvem durante suas vidas por meio da apropriação subjetiva das possibilidades oferecidas pela cultura, pela sociedade e pela história.

Portanto, a sexualidade não existe exclusivamente a partir do sexo anatômico de cada ser, mas sim a partir de sua subjetividade, que é “construída” na relação do sujeito com o mundo, com a sociedade, com sua história e cultura. Nesta relação, este sujeito estabelece relações com o “outro” o que também possibilita estabelecer identificações e construções de e para si mesmo.

Assumimos neste estudo a concepção de que a sexualidade é influenciada pelos valores sociais e culturais, e nesta relação com o mundo, o sujeito vai pouco a pouco construindo sua identidade/subjetividade.

Já o conceito de sexo relaciona-se às características físicas/biológicas de um ser humano. O órgão sexual, o genoma, o formato do corpo, dos seios, enfim, tudo aquilo que é característica relacionada diretamente à materialidade e concretude deste corpo. Assim, temos as pessoas do sexo masculino, do sexo feminino e/ou (raramente) intersexuais (BORTOLINI, 2008, p. 7).

Para além do sexo biológico, o conceito de gênero vem para ampliar este aspecto estritamente biológico e inclui outras dimensões como a humana, a social e a cultural e na relação com o sujeito. Enquanto o sexo difere as características biológicas do ser, o gênero é entendido como uma construção social estabelecida por uma dada cultura para eleger a relação entre homem e mulher.

A palavra gênero surgiu para diferenciar feminino de masculino, pois, o sexo é uma categoria biológica insuficiente para explicar os papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher. Como construção social do sexo, gênero foi (e continua sendo) usado, então, por algumas estudiosas, como um conceito que se opunha a – ou complementava a – noção de sexo e pretendia referir-se aos comportamentos, atitudes ou traços de personalidade que a cultura inscrevia sobre o corpo sexuado (MEYER, 2003, p.15).

A partir dos conceitos de sexualidade e gênero podemos visualizar outras categorias que compõem a identidade sexual e de gênero, e que correspondem a sua diversidade. Essa diversidade sexual, se expressa através de categorias, que serão exploradas após os conceitos de orientação e opção sexual, e identidade sexual e de gênero.

Adentrando na compreensão acerca dos conceitos de identidades de gênero e sexual, Louro (1997, p. 26) destaca que estes também apresentam diferenças entre si:

Observamos que os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas, eles podem "viver seus desejos e prazeres corporais" de muitos modos. Suas *identidades sexuais* se constituiriam, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas *identidades de gênero*.

LOURO (1997), destaca ainda que estas identidades sexual e de gênero estão estreitamente relacionadas uma com a outra, por conta de nossa linguagem e das nossas práticas que as confundem, tornado-as difícil de pensa-las distintivamente. No entanto, elas não são a mesma coisa, como a própria autora deixa claro em seu livro.

A posição vigente hoje, do ponto de vista científico e ético, é a de que a vivência da sexualidade faz parte da identidade da pessoa e deve ser compreendida em sua totalidade (ARAÚJO E BARRETO, 2009, p. 43).

A identidade de gênero diz respeito à percepção subjetiva de ser masculino ou feminino, conforme os atributos, os comportamentos e os papéis convencionalmente estabelecidos para homens e mulheres.

Outras categorias são consideradas neste estudo, dentre elas a heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, travestilidade e transexualidade.

A heterossexualidade é a atração, o desejo, a prática sexual e o relacionamento afetivo-social com pessoas do gênero (sexo) oposto. A heterossexualidade é considerada a orientação “normal” e “natural” – heteronormatividade<sup>1</sup> - pela sociedade. Mas o que seria essa heteronormatividade?

A heteronormatividade seria a sexualidade que é imposta pela sociedade/cultura desde que nascemos, aquela que foge ao “padrão” seria o desvio dessa “normatividade”, seria a “aberração”, pois sairia do que é “natural”. Desta forma, vivemos em uma sociedade que a heterossexualidade prevalece, portanto todas que fogem desta são as “aberrações”.

A Homossexualidade é a atração, o desejo, a prática sexual e o relacionamento afetivo-social por pessoas do mesmo gênero (sexo) (RODEHN, 2009, p. 128).

Já a bissexualidade é a atração, o desejo, a prática sexual e o relacionamento afetivo-social tanto por pessoas do mesmo gênero (sexo), quanto do gênero (sexo) oposto. (RODEHN, 2009, p. 128; Araújo e Barreto, 2009, p. 110)

---

<sup>1</sup> Heteronormatividade é a ideia de que, a princípio, todos são heterossexuais, de que a heterossexualidade seria a sexualidade nata, natural, padrão dos seres humanos – e todas as demais desvios dessa norma (BORTOLINI,2008,p.14)

A categoria travesti é compreendida por Araújo e Barreto (2009, p. 110) enquanto pessoas cujo gênero e cuja identidade social são opostos ao do seu sexo biológico, e que vivem cotidianamente como pessoas do seu gênero de escolha.

Diferente das travestis, pessoas transexuais não aceitam o seu órgão genital, pois segundo Bortolini (2008, p. 15):

As transexuais são pessoas de sexo genital determinado, mas que psicologicamente pertencem ao sexo oposto. A maioria dos casos tem como características, a rejeição pelo órgão genital e a necessidade da cirurgia de transgenitalização. Lembrando, podemos ter tanto homens como mulheres transexuais. A transexualidade tem a ver com identidade, com como a pessoa se reconhece, independente dela ter feito ou não a cirurgia. Ela pode ter o desejo de fazer a cirurgia, mas ainda não ter realizado por várias razões. A questão é como ela se sente.

Nesta parte do trabalho, vimos os conceitos que compõe a diversidade sexual e a de gênero na literatura. A seguir, analisaremos como estes temas estão presentes no currículo do curso de licenciatura em educação física.

## **AS TEMÁTICAS DA DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO NO CURRÍCULO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Reconhecendo a importância das categorias de diversidade sexual e de gênero para a formação do professor de Educação Física, faremos uma breve digressão à legislação educacional, em especial, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96) (LDBEN), O Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH, 2002) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, 1997).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, traz o seguinte artigo:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Portanto, todos nós temos direito a educação sejamos mulheres, homens, brancos, negros, índios, pobres, de classe média, baixa ou alta, heterossexuais, homossexuais e etc. É de obrigação da família e do Estado conceder a todos o direito à educação, para que assim possam exercer sua cidadania e ganhar qualificação para o trabalho.

No Art. 1º a LDBEN (9394/96) ressalta que o campo de ensino não deve ser voltado apenas para o campo do trabalho, mas também para a prática social, e ressaltando também no Art. 22 o direito do educando a ter a formação comum indispensável para o exercício da cidadania.

Além disto, O Programa Nacional de Direitos Humanos (2002, p.41) traz a seguinte ação:

[...] desenvolver políticas estratégicas de ação afirmativa nas IES que possibilitem a inclusão, o acesso e a permanência de pessoas com deficiência e aquelas alvo de discriminação por motivo de gênero, de orientação sexual e religiosa, entre outros e seguimentos geracionais e étnico-raciais;

Com isto a LDBEN(9394/96) e o PNDH (2002) preconizam o respeito individual, onde o educando deve ser respeitado/compreendido por sua totalidade. O direito de vivenciar a prática social na escola para que assim possa exercer sua cidadania dentro e fora dela, e assim vivenciando sua aprendizagem dentro da sociedade. E aqueles cujo o direito da educação seja negada, é de direito do Estado intervir para garantir-lhes a estadia na escola para usufruírem de seus direitos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – Orientação Sexual, – preconizam que a sexualidade vai sendo construída ao longo dos anos com as nossas experiências e com a vivencia em sociedade (BRASIL, vol. 10, p.296).

Neste sentido, a escola é um espaço fundamental para esta aprendizagem, já que se estabelecem interações sociais à longo prazo pois é neste local que passamos a maior parte do nosso tempo desde a infância até a adolescência. É neste local que apreendemos os valores culturais e da sociedade; é onde vivemos experiências e damos continuidade à nossa construção identitária.

O professor de Educação Física deve estar preparado para orientar os seus alunos da melhor maneira possível, já que o tema transversal “Orientação Sexual” ressalta que é nas aulas de Educação Física, que os alunos têm um bom espaço para o uso do corpo e para uma construção de uma “cultura corporal”.

Além disso, o tema transversal afirma que é também um excelente espaço onde o conhecimento, o respeito e a relação prazerosa com o próprio corpo podem ser trabalhados (BRASIL, vol. 10, p.318).

No campo educacional, a primeira formulação do currículo nacional brasileiro apresentada através dos P.C.Ns Orientação Sexual (1996, p.321), define para o 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental, o seguinte conceito de gênero:

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social.

Porém, dentro da educação física ainda há muitos assuntos que geram preconceito de gênero. Por exemplo, no conteúdo esporte, onde alguns são considerados masculinos e que



excluem as mulheres na sua participação por serem consideradas mais sensíveis e frágeis, ou esportes tidos como femininos que os homens são excluídos de praticar por serem mais rudes e brutos. A separação de gêneros dos alunos, acaba fazendo com estes deixem de vivenciar experiências mas complexas e que incorporem de fortalecem a cultura machista e patriarcal ainda presentes na sociedade brasileira.

Será que o professor de educação física pode colaborar, ajudando aos alunos compreender que os homens e as mulheres podem praticar todos os esportes? E que além de poder praticar todos os esportes, estes podem praticar o mesmo esporte com ambos os sexos juntos?

O professor pode intervir para garantir as mesmas oportunidades de participação a ambos os sexos, ao mesmo tempo em que respeita os interesses existentes entre seus alunos e alunas. PCN's orientação sexual (BRASIL, vol. 10, p.324).

Não só no esporte, mas fazer com que os alunos entendam que homens e mulheres podem fugir do que é “natural” e/ou “normal” dentro da sociedade.

As aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir, de forma estereotipada, relações sociais autoritárias. PCN's de educação física (BRASIL, 1998, p. 42).

Portanto as aulas de educação física tornam-se importantes sendo mistas, pois será assim que meninos e meninas ultrapassarão as barreiras de preconceito imposto pela cultura. E será nas aulas mistas, também, que os professores devem transmitir, por sua conduta, a valorização da equidade entre os gêneros e a dignidade de cada um individualmente. De acordo com os PCN's Orientação Sexual (vol. 10, p. 303):

O professor deve ser capaz também de orientar todas as discussões, já que eles próprios respeitam a opinião de cada aluno e, ao mesmo tempo, garantem o respeito e a participação de todos, explicitando os preconceitos e trabalhando pela não discriminação das pessoas.

Adentrando no projeto curricular da ESEF/UPE, encontram-se os Princípios, as Competências, o Perfil do Licenciado em Educação Física, Campos de Atuação, Eixos Estruturantes, Período de Integralização, Regime Acadêmico, carga Horária e Integralização, Número de Vagas, Composição Curricular por dimensão de conhecimento, Práticas Curriculares, Disciplinas Optativas, Estudos Complementares e Programas de Ensino, nos quais são os componentes da organização curricular para a formação de Professores da instituição. (ESEF/UPE, 2004).

Analisamos que dentro da carga horária oferecida para o licenciado, tanto os componentes obrigatórios, eletivas, estudos complementares e programas de ensino, nenhum

desses oferece o conhecimento ao estudante da Licenciatura de Educação Física acerca da Diversidade Sexual e de Gênero, embora o currículo transite pelas questões psico-sociais e culturais.

Esta constatação dirige-se numa direção diferente do que é preconizado pelos PCN's que consideram a aula de educação física um excelente espaço onde o conhecimento, o respeito e a relação prazerosa com o próprio corpo podem ser trabalhados, enfatizam também que na aula de educação física os alunos podem aprender a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir, de forma estereotipada, relações sociais autoritárias.

Percebendo esta ausência dos temas de diversidade sexual e de gênero no currículo da ESEF, buscamos os discursos dos estudantes a fim de compreender suas percepções acerca desta temática.

### **ANALISANDO OS DISCURSOS DOS ALUNOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Sobre a compreensão do termo diversidade sexual e de gênero, vimos que os alunos expressaram não saber conceituar ou explicar este termo.

*“Conheço só o que o pessoal fala... Isso que é... Aceitar também todas... Qualidade. Mas não tenho nada a fundo não, básica não. Por definição não.”*  
(Sujeito 5 Masculino, 4º período).

Percebemos que os sujeitos encontram dificuldades ou não sabem conceituar a diversidade sexual e de gênero, esta dificuldade dos alunos de conceituarem esta diversidade pode estar relacionada aos diferentes conceitos presentes na literatura, já que por muitas vezes o conceito de sexualidade se confunde com o de gênero, pois estes estão estreitamente ligados Bruzzi, D. (2008, p.26).

Quando perguntado se já houve discussões durante as aulas vivenciadas por eles durante o curso, estes responderam o seguinte.

*“Vê, não explicitamente, assim como parte do conteúdo. Às vezes eram umas discussões paralelas que surgiam a gente conversava, debatia e tal.”* (Sujeito 7 Masculino, 7º Período)

Percebemos que em algum momento do curso alguns estudantes tiveram o trato do assunto, no entanto estes estudantes enfatizaram a presença do tema através de um diálogo, em uma determinada cadeira, e de maneira indireta, ou seja, não havia uma relação direta com o conteúdo que estava sendo tratado na aula.

E quando esta temática não é tratada de maneira direta (relacionada ao conteúdo da disciplina), o estudante não tem condições de apreender, aprofundar e portanto intervir em sua futura prática pedagógica.

Por esta razão é que o professor necessita de uma formação aprofundada e intencional sobre o tema da sexualidade e gênero, para que possam se apropriar e intervir através de suas práticas pedagógicas. Somente desta maneira o futuro profissional poderá proporcionar aos seus alunos discussões a cerca de diversos temas, tais como o da identidade sexual e de gênero.

Casa Grande (2008) destaca que o professor precisa ter acesso a um referencial teórico para embasar discussões de conceito como igualdade de gênero, homofobia, diversidade sexual; provocar reflexões críticas entre as/os profissionais da educação; problematizar questões como a violência de gênero, enfatizando a violência contra as mulheres, violência doméstica e violência contra homossexuais masculinos e femininos; problematizar comportamentos homofóbicos na sociedade em geral e na escola em particular e suas consequências de exclusão às pessoas que não seguem os padrões hegemônicos e de gênero; repensar, junto aos profissionais da educação, formas de inclusão para todos que sofrem discriminação, seja de gênero, ou por orientação sexual.

Quando perguntado se seria importante discutir sobre diversidade sexual e de gênero durante a formação, as respostas dos sujeitos foram unânimes, pois responderam que sim, que seria importante discutir sobre o assunto durante a formação.

*“Creio que sim, porque eu que me considero uma pessoa que sou entendida sobre o assunto, ainda tenho algumas dificuldades para conversar sobre isso, imagina aquelas que se consideram totalmente leigas.” (Sujeito 7 Masculino, 7º Período)*

Como podemos perceber, os alunos ressaltam a importância da discussão sobre sexualidade, identidade sexual e de gênero, justificando que em algum momento da atuação profissional, acontecerá uma demanda de intervenção dentro desta temática.

Além disso, ressaltam que independente da atuação profissional, é importante conhecer cientificamente estes conceitos. O PCN de “Orientação Sexual” indica esta importância do professor conhecer o assunto e estar preparado para discutir em suas aulas sobre o tema, como vimos no primeiro capítulo, pois este deve estar preparado para orientar o aluno da melhor maneira possível, e ainda resalta que é nas aulas de educação física que os alunos tem um espaço para terem o conhecimento, o respeito e a relação prazerosa com o próprio corpo.

Quando questionado se estes acham importante a implementação do tema no currículo da ESEF/UPE, houve diferenças nas respostas já que os estudantes que estão no último período acreditam que o tema é de extrema importância para o currículo da ESEF/UPE, já os estudantes que ainda estão na primeira parte do curso entraram muitas vezes em divergência, já que julgam outros temas mais necessários.

*“No currículo, eu acho que num seria tão... Pra mim assim, no meu ver... Não seria tão importante, viável não... Nós temos outras prioridades de é... Referente a área, tipo saúde, tipo esporte que nós temos uma defasagem muito grande no currículo ne?” (Sujeito 5 Masculino, 4º Período)*

Vimos que a LDBEN (9394/96) e os PCN's (1997) trazem a importância do professor ter o conhecimento e saber se posicionar diante do assunto, diversidade sexual e de gênero, para que assim possa ajudar os alunos em suas buscas.

Mesmo com a indicação presente nestes documentos e dos discursos destes estudantes que consideram ser importante a discussão sobre diversidade sexual e de gênero durante a formação, estes mesmos não acham necessário a implementação do tema “diversidade sexual e de gênero” no currículo da ESEF/UPE, já que consideram outras áreas da educação física, mais relevantes do que o tema, tais como saúde e esporte, como traz o sujeito cinco.

No entanto LOURO(1997), ressalta que esta questão da sexualidade, de gênero, de classe, de raça, de etnia também dizem respeito aos profissionais da educação. Portanto, cabe aos educadores físicos, também, obter conhecimento deste tema para saberem trata-lo com seus futuros alunos, pois este assunto também os desrespeitam.

Quanto a se sentirem preparados para lidar com o preconceito, os estudantes consideram ainda não estarem preparados para lidar com tal situação.

*“Acho que não. Exatamente por causa do conhecimento.” (Sujeito 8 Feminino, 7º Período)*

Percebemos que os estudantes não se sentem preparados para tais situações futuras, pois não têm um conhecimento prévio sobre o assunto e aqueles que se sentem preparados, se sentem por experiência própria e ou por já terem ouvido falar, seja em sala de aula informalmente, seja na mídia ou até mesmo uma experiência vivida por eles na escola/faculdade.

Novena (2011, p. 123) trata desta questão, da falta de preparação do professor por uma falta de fundamentos científicos:

Outro aspecto enfatizado é a falta de preparo profissional em lidar com esse tema no cotidiano escolar. A ausência de fundamentos científicos leva os professores a recorrerem aos seus próprios valores que, segundo eles, são permeados por uma formação conservadora e tradicional, o que dificulta a compreensão e as ações de intervenção.

Quanto às aulas mistas, os entrevistados responderam que as aulas devem ser mistas. No entanto, alguns alunos que defenderam as aulas mistas acreditam que em algum momento da aula deve haver a separação por gênero. Já os que defenderam totalmente as aulas mistas não sabiam explicar o porquê, ou enfatizavam a questão da quebra da historicidade da separação dos gêneros.

*“É... Os dois. Dependendo da atividade que você for fazer... Eu acho que posso fazer os dois, dependendo do esporte praticado.”* (Sujeito 1 Feminino, 1º Período)

Os PCNs traz a importância do professor utilizar as aulas mistas:

O professor pode intervir para garantir as mesmas oportunidades de participação a ambos os sexos, ao mesmo tempo em que respeita os interesses existentes entre seus alunos e alunas. PCN's orientação sexual (BRASIL, vol. 10, p.324).

E além das aulas mistas serem de extrema importância para convivência entre os sexos, Jesus (2006) aponta que a convivência entre os gêneros proporciona aos alunos terem uma troca de experiência motora e também porque os alunos apontam prazer ao jogarem juntos.

Em relação se um professor repercutiria sua orientação sexual para seus alunos tivemos os seguintes argumentos

*“Se vier de casa os princípios, a base, não vai ter uma influencia tão grande. Mas se for uma criação que seja mais balanceada assim de... Em casa não teve um ensinamento e tal... Vai se inspirar no professor sim.”* (Sujeito 5 Masculino, 4º Período)

Percebemos, que os discursos consideram que o professor é um modelo na sala de aula, e que este pode persuadir os alunos virem a ser homossexuais. Pois, eles acreditam que se o professor não souber “separar” sua vida pessoal do trabalho ou não souber se “portar”, este influenciaria, direta ou indiretamente a escolha sexual do alunos – segundo os discursos, – principalmente se o aluno não tiver uma “boa base/educação/formação” em casa.

No entanto, estes discursos chamam-nos a atenção considerando que a literatura consultada aponta que a escolha sexual é um processo que se dá na relação do sujeito com o mundo. Desta forma, o sujeito constroeu pouco a pouco a sua identidade sexual e de gênero através da relação que estabelece com a sociedade e com a cultura através do processo identificatório, tendo em vista que esta escolha passa diretamente pelos desejos da pessoa, não será o professor, ou a família, ou qualquer outra pessoa que definirá sua identidade sexual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte deste estudo, investigamos os principais conceitos da diversidade sexual e de gênero nas ciências sociais, para que assim pudéssemos conhecer e entender tais

conceitos. Compreender estes conceitos, contribuiu na apreensão dos sentidos atribuídos pelos alunos de Licenciatura em Educação Física e suas repercussões nesta formação. Vimos que os conceitos de sexualidade, gênero (identidade), orientação e opção sexual, heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, travestilidade e transsexualidade apresentam-se de forma distinta na literatura em Ciências Humanas.

Percebendo a importância destas categorias para a formação do professor de Educação Física, no segundo capítulo, analisamos como estes temas estão presentes no currículo do curso de licenciatura em educação física.

Identificamos que mesmo com as principais legislações educacionais, como a LDEBEN e os PCN's, ressaltando a importância do professor ter uma preparação para lidar com tal diversidade a ESEF/UPE não trata sobre a diversidade sexual de gênero no seu currículo. Identificamos então uma necessidade de rever o currículo a partir desta referência pois, o futuro professor de educação física da ESEF/UPE não sairá preparado para lidar com preconceito sexual e de gênero em sua prática pedagógica.

No quarto capítulo, acessamos os discursos dos graduandos a fim de compreender o que estes entendem sobre a diversidade sexual e de gênero, se acham importante discutir o tema durante sua graduação e também se estes acham necessário a implementação do tema no currículo do licenciado em educação física.

Mesmo considerando que: a) que os estudantes não discutiram sobre o tema na graduação (ou quando discutiram foi de maneira informal não aprofundando o conhecimento); b) que apresentam dificuldades para discutir o tema; c) não se sentem preparados para lidar com o preconceito em sua futura atuação como professor de educação física; e, d) achando necessária a discussão sobre diversidade sexual e de gênero na sua formação, alguns estudantes ainda não consideram importante implementar este conteúdo no currículo. Os estudantes não identificam que o Professor de Educação Física participa e orienta a construção da identidade sexual e de gênero de seus estudantes. Por esta razão, não vêem a necessidade de inserir este conteúdo no currículo.

Em relação a questão das aulas mistas, os alunos também apresentaram seus discursos de maneira contraditória, ao afirmarem que a aula deve ser mista, mas que em alguns momentos as aulas deveriam ser separadas por gênero, por considerarem que meninos e meninas por se diferenciarem biologicamente, devem estar separados em algumas atividades porque os meninos podem machucar as meninas, ou porque as meninas não condizem com as habilidades masculinas.

No entanto, vimos neste estudo, através da bibliografia levantada, que os autores sugerem que as aulas de educação física devem ser mistas, porque assim o professor será capaz de proporcionar aos alunos, meninos e meninas, que ultrapassem as barreiras de preconceito imposto pela cultura.

Os alunos também, destacaram que um professor homossexual repercutiria na escolha e orientação sexual de seus alunos, de forma direta ou indireta.

No entanto, mais uma vez chama-nos a atenção que os autores consultados apontam que o sujeito constroeu pouco a pouco a sua identidade sexual e de gênero através da relação que estabelece com a sociedade e com a cultura através do processo identificatório. Portanto, não será o professor, o pai, a mãe, ou qualquer outra pessoas que definirá a sua identidade sexual, afinal esta escolha passa principalmente pelos desejos do sujeito.

Vimos neste estudo, que as categorias de diversidade sexual e de gênero são importantes para a formação do professor de educação física, pois é nestas aulas onde os estudantes tem uma maior liberdade da relação entre os corpos, onde estes conhecem melhor seus corpos e desejos.

Para isto, o professor de educação física deve ter uma formação que englobe as temáticas da diversidade sexual e de gênero, para que este possa ter uma compreensão melhor sobre o processo de construção da sexualidade dos estudantes e possa contribuir com este processo através das intervenções pedagógicas que são realizadas.

O professor tem o papel de estabelecer práticas pedagógicas que minimizem e discutam o preconceito e a discriminação entre os estudantes, ensinando-os a viver numa sociedade em que a diversidade e o respeito predominem.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Leila. Barreto, Andreia. *Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*. Rio de Janeiro, Caderno de atividades. 2009.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

BORTOLINI, Alexandre. *Diversidade Sexual na Escola*. Rio de Janeiro, 1ª Edição, Pró-Reitoria de Extensão/UFRJ. 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiros e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRUZZI, D. educação para a igualdade de gênero. Salto Para o Futuro. MEC. Ano XVIII – Boletim 26. Novembro de 2008.

CASAGRANDE, L.S. Relações de Gênero e Educação: um convite à reflexão. Gênero e Diversidade Sexual no Ambiente Escolar. Cadernos Temáticos Refletindo Gênero na Escola. Curitiba-PR: UTFPR, 2008.

DEMO, Pedro. (1995), *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo, Atlas.

ESEF/UPE - Escola Superior de Educação Física: Processo de Renovação de Reconhecimento do Curso de Licenciatura em Educação Física vol. II, 2004.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FERREIRA, Rosilda Arruda. (1998), *A pesquisa científica nas ciências sociais, caracterização e procedimentos*. Recife, Ed. Universidade da UFPE.

FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física*. São Paulo, Scipione, 1997.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002.

JESUS, M. L.; DEVIDE, F.P. Educação Física Escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. Revista Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 123-140, setembro/dezembro de 2006.

Kamel, Luciana. Diversidade sexual nas escolas: o que os profissionais de educação precisam saber / Luciana Kamel; Cristina Pimenta. – Rio de Janeiro: ABIA, 2008.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MEYER, E. D. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, L. G.; NECKEL, F. J.; 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 23. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

NOVENA, Nadia Patrícia. A sexualidade na organização escolar: narrativas do Silêncio. Recife-PE: EDUPE, 2011.

COMITÊ NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS. Plano nacional de educação em direitos humanos. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO. Brasília, 2007.

RODEHN, Fabíola. *Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*. Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009 Livro de conteúdo. 2009.



SANTOS, Ana C. C.. Formação de Professoras (es) em gênero e sexualidades: novos saberes, novos olhares. (Org. Fazendo Gênero). Florianópolis, 2010.

SOUZA, L. C.; DINIS, N. F. Discurso sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. Pro – posições, Campinas, v.21, n.3 (63), p.119-134, set./dez. 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. (1987), Introdução à pesquisa em ciências sociais, a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Atlas.